

"Um livro repleto de suspense, que trata de assuntos fortes como prisão injusta, pena de morte e os preconceitos do sistema jurídico." — *Associated Press*



JOHN
GRISHAM



CARTADA FINAL



Título original: *The Guardians*

Copyright © 2019 pela Belfry Holdings, Inc.
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

tradução: Roberta Clapp e Bruno Fiuza

preparo de originais: Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

revisão: Ana Grillo, Guilherme Bernardo e Hermínia Totti

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Paul Knight / Trevillion

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G888c

Grisham, John

Cartada final / John Grisham ; tradução Roberta Clapp, Bruno Fiuza. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2020.

320 p. ; 23 cm.

Tradução de: *The guardians*

ISBN 978-65-5565-047-1

1. Ficção americana. I. Clapp, Roberta. II. Fiuza, Bruno. III. Título.

CDD: 813

20-66380

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA JAMES McCLOSKEY, O LIBERTADOR DE INOCENTES

1

Duke Russell não é culpado dos crimes indescritíveis pelos quais foi condenado; no entanto, sua execução está marcada para daqui a uma hora e 44 minutos. Como sempre, em noites atroztes como esta, o ponteiro do relógio parece andar mais rápido à medida que o momento final se aproxima. Atravessei penosamente duas dessas contagens regressivas em outros estados. Uma delas chegou ao fim, e meu parceiro disse suas últimas palavras. Na outra, o sujeito conseguiu escapar num milagroso desfecho.

A contagem regressiva não vai se completar, pelo menos não nesta noite. As pessoas que governam o Alabama talvez um dia consigam servir a Duke sua última refeição antes de enfiar uma agulha em seu braço, mas não nesta noite. Ele está no corredor da morte há apenas nove anos. A média no estado é de quinze. E não é incomum chegar a vinte. Há um recurso em trâmite em algum lugar do Décimo Primeiro Circuito em Atlanta, e quando ele pousar na mesa do assessor certo durante os próximos sessenta minutos, esta execução será interrompida. Duke retornará para os horrores da solitária, à espera de um novo dia para morrer.

Ele é meu cliente há quatro anos. A equipe que cuida do seu caso inclui um escritório gigantesco em Chicago, que lhe dedicou milhares de horas *pro bono*, e um grupo de Birmingham contrário à pena de morte, extremamente atuante. Quatro anos atrás, quando me convenci de que Duke era inocente, cheguei para liderar a equipe. Hoje tenho cinco casos, todos com condenações injustas, pelo menos a meu ver.

Já assisti a um cliente morrer. Ainda acredito na inocência dele. Só não consegui prová-la a tempo. E um já está de bom tamanho.

Pela terceira vez hoje, chego ao corredor da morte do Alabama e passo pelo detector de metais que bloqueia a entrada, onde dois guardas carrancudos protegem o recinto. Um deles segura uma prancheta e me olha como se já tivesse esquecido meu nome desde minha última visita, duas horas atrás.

– Post, Cullen Post – digo para o tapado. – Visita para Duke Russell.

O guarda examina a prancheta como se ela contivesse informações valiosas, encontra o que quer e acena para uma bandeja plástica sobre uma curta esteira rolante. Dentro dela deixo minha pasta e meu celular, exatamente como fiz antes.

– Relógio e cinto também? – pergunto, bancando o espertinho.

– Não – resmunga ele com algum esforço.

Eu passo pelo detector, sou liberado, e uma vez mais um advogado de defesa consegue entrar no corredor da morte com decência, sem portar uma arma. Pego minha pasta e meu celular e acompanho o outro guarda por um corredor estéril até uma parede repleta de barras de ferro. O homem assente, os interruptores fazem um clique seguido por um ruído metálico, a porta gradeada se abre e seguimos por outro corredor, penetrando ainda mais fundo neste miserável edifício. O corredor faz uma curva e logo a seguir alguns homens aguardam diante de uma porta de aço sólida. Quatro estão de uniforme, dois de terno. Um destes é o diretor.

Ele me encara de um jeito sério e se aproxima.

– Tem um tempinho?

– Não muito – respondo.

Nós nos afastamos do grupo para falar em particular. Ele não é um cara mau, está apenas fazendo seu trabalho, ainda está começando e, portanto, nunca participou de uma execução. Ele é também o inimigo e, seja lá o que queira, não será através de mim que conseguirá.

Ficamos bem próximos um do outro, como se fôssemos amigos, e ele sussurra:

– O que te parece?

Olho para o lado como se avaliasse a situação e respondo:

– Putz, não sei. Parece que ele vai ser executado.

– Para com isso, Post. Nossos advogados estão dizendo que existe uma chance.

– Seus advogados são uns idiotas. Já conversamos sobre isso.

– Vamos, Post. Quais são as chances neste momento?

– Meio a meio – minto.

Isso o deixa confuso, e ele não sabe ao certo como responder.

– Eu gostaria de ver meu cliente – digo.

– Claro – responde um tom mais alto, como se estivesse frustrado.

Ninguém pode pensar que o diretor está cooperando comigo, então ele se apressa em ir na frente. Os outros guardas se afastam quando um deles abre a porta.

Dentro da Sala da Morte, Duke está deitado num catre com os olhos fechados. Para as festas de fim de ano, as regras permitem um pequeno televisor em cores para que ele possa assistir ao que quiser. Está sem som, o noticiário do canal a cabo transmitindo uma cobertura dramática dos incêndios a oeste. Sua contagem regressiva ainda não é relevante para o jornalismo nacional.

Cada um dos estados nos quais a pena de morte é aplicada tem seus próprios rituais idiotas, todos criados para acrescentar o máximo de dramaticidade possível ao momento da execução. Aqui eles permitem que, durante a visita, condenados e familiares próximos estejam em contato, numa grande sala. Às 22 horas, transferem o condenado para a Sala da Morte, que fica ao lado da Câmara da Morte, onde ele será executado. Ninguém além de um capelão e de um advogado tem autorização para permanecer no local com ele. Sua última refeição é servida por volta das 22h30, e ele pode pedir o que quiser, exceto bebida alcoólica.

– Como você está? – pergunto, enquanto ele se senta e sorri.

– Nunca me senti melhor. Alguma novidade?

– Ainda não, mas continuo otimista. Em breve vamos ter alguma notícia.

Duke é branco e tem 38 anos, e antes de ser preso por estupro e assassinato sua ficha criminal consistia em duas ocorrências por dirigir embriagado e um punhado de multas por excesso de velocidade. Nenhum caso de violência. Ele era festeiro e vivia arrumando confusão quando jovem, mas depois de nove anos na solitária se acalmou consideravelmente. Meu trabalho é libertá-lo, o que no momento parece um sonho insano.

Pego o controle remoto e troco para um canal de Birmingham, mas deixo a televisão no mudo.

– Você parece extremamente confiante – diz ele.

– Posso me dar a esse luxo. Não sou eu que vou tomar uma agulhada.

– Você é um cara engraçado, Post.

– Relaxa, Duke.

– Relaxa? – ecoa ele, balançando os pés e sorrindo mais uma vez. Ele de fato parece bastante relaxado diante das circunstâncias. Dá uma risada e diz: – Você se lembra de Lucky Skelton?

– Não.

– Conseguiram executá-lo, cerca de cinco anos atrás, mas não antes de servir a ele a última refeição três vezes. Ele andou na prancha três vezes antes de levar o empurrão. Pizza de calabresa e uma Cherry Coke.

– E você? Pediu o quê?

– Bife com batata frita e um engradado com seis cervejas.

– Eu não contaria com as cervejas.

– Você vai me tirar daqui, Post?

– Não hoje, mas estou trabalhando nisso.

– Se eu sair, vou direto pro bar, tomar cerveja até cair.

– Eu vou com você. Olha aí o governador.

O governador aparece na tela e eu aumento o volume.

Está diante de uma bancada cheia de microfones com luzes e câmeras apontadas em sua direção. Terno escuro, gravata estampada, camisa branca, todos os fios de seu cabelo tingido arrumados com gel de uma maneira meticulosa. Um cartaz de campanha ambulante. Visivelmente estressado, ele diz: “Analisei minuciosamente o caso de Russell mais uma vez e o examinei de ponta a ponta junto aos meus investigadores. Também estive com a família de Emily Broone, vítima dos crimes do Sr. Russell, e eles são absolutamente contra a concessão do indulto da pena. Depois de levar em consideração todos os aspectos desse caso, decidi pela manutenção da condenação. A decisão judicial continua válida e a execução terá seguimento. O povo se manifestou. Portanto, está negado o pedido de indulto da pena do Sr. Russell.”

Ele faz o pronunciamento com o máximo de dramaticidade possível, depois cumprimenta os presentes com uma reverência e se afasta lentamente das câmeras, dando fim à sua grandiosa apresentação. Nada mais para se ver ali. Três dias atrás, o governador encontrou tempo para me conceder uma audiência de quinze minutos, e logo em seguida debateu nossa reunião “particular” com seus repórteres favoritos.

Se sua análise tivesse sido assim tão minuciosa, ele saberia que Duke

Russell não tinha nada a ver com o estupro e o homicídio de Emily Broone onze anos atrás.

- Nenhuma surpresa – digo, depois de tirar novamente o som da tv.
- Ele alguma vez já concedeu comutação de pena? – pergunta Duke.
- Claro que não.

Ouve-se uma batida forte e a porta se abre. Dois guardas entram e um deles empurra um carrinho com a última refeição de Duke. Eles o deixam ali e saem. Duke encara o bife com fritas e uma fatia bem fina de bolo de chocolate e diz:

- Nada da cerveja.
- Bom chá gelado pra você.

Ele se senta no catre e começa a comer. A comida tem um cheiro delicioso, e me dou conta de que não como nada há pelo menos 24 horas.

- Quer batata frita? – pergunta ele.
- Não, obrigado.
- Eu não vou comer isso tudo. Por alguma razão, estou meio sem apetite.
- Como estava sua mãe?

Ele enfia um pedaço grande de bife na boca e mastiga devagar.

- Não muito bem, como era de se esperar. Muito choro. Foi péssimo.

O celular no meu bolso vibra e eu o pego. Olho para o identificador de chamadas e digo:

- Olha ele aí.

Sorriso para Duke e digo “Alô”. É o assessor do Décimo Primeiro Circuito, um cara que conheço muito bem, e ele me informa que seu chefe acaba de assinar uma ordem de suspensão da execução, alegando que é necessário mais tempo para determinar se Duke Russell recebeu ou não um julgamento justo. Pergunto quando a suspensão será anunciada, e ele diz que imediatamente.

Olho para o meu cliente e digo:

– Você conseguiu a suspensão. Nada de agulhadas hoje. Quanto tempo pra terminar esse bife?

– Cinco minutos – diz com um sorriso largo, enquanto corta mais um pedaço da carne.

– Você pode me dar dez minutos? – pergunto ao assessor. – Meu cliente gostaria de terminar sua última refeição. – Debateremos por um tempo e no fim concordamos em sete minutos. Agradeço, encerro a ligação e digito outro número. – Coma rápido – digo a Duke.

Seu apetite voltou de repente, e ele está igual a pinto no lixo.

O arquiteto da condenação injusta de Duke chama-se Chad Falwright, o típico promotor de justiça de cidade pequena. Neste momento, ele aguarda no edifício da administração do presídio a pouco menos de um quilômetro daqui, preparado para viver o momento mais importante de sua carreira. Ele acha que às 23h30 será escoltado até uma van da prisão, junto com a família Broone e o xerife local, e levado até o corredor da morte, onde eles serão conduzidos a uma pequena sala com uma grande janela de vidro coberta por uma cortina. Uma vez ali, acredita Chad, eles vão esperar o momento em que Duke estará amarrado à maca com agulhas enfiadas nos braços e a cortina se abrirá de maneira dramática.

Para um promotor, não há maior sentimento de realização do que testemunhar uma execução pela qual ele é responsável.

Chad, no entanto, não terá direito a vivenciar essa emoção. Eu digito seu número e ele logo atende.

– Sou eu, Post – anuncio. – Estou aqui no corredor da morte. Tenho más notícias. O Décimo Primeiro Circuito acabou de expedir uma ordem de suspensão da execução. Parece que você vai voltar para Verona com o rabo entre as pernas.

Ele gagueja e por fim consegue dizer:

– Como assim?

– Você me ouviu, Chad. A farsa dessa condenação está vindo à tona, e isso é o mais perto que você vai chegar do pescoço do Duke, o que, devo dizer, já é bem perto. O Décimo Primeiro Circuito tem dúvidas sobre um detalhezinho chamado julgamento justo, então eles estão devolvendo os autos. Acabou, Chad. Desculpe estragar seu grande momento.

– Isso é uma piada, Post?

– Ah, com certeza. Aqui no corredor da morte só escuto risadas. Você se divertiu falando com os repórteres o dia todo, agora se divirta com isso.

Dizer que eu detesto esse cara seria um tremendo eufemismo.

Desligo e olho para Duke, que está se banquetecendo. Com a boca cheia, ele pergunta:

– Você pode ligar pra minha mãe?

– Não. Só os advogados podem usar celulares aqui, mas ela vai ficar sabendo em breve. Come logo.

Ele dá um gole no chá gelado para ajudar a engolir a comida e ataca o bolo

de chocolate. Pego o controle remoto e aumento o volume da tv. Enquanto Duke raspa o prato, um repórter ofegante aparece na tela, em algum lugar do presídio, e, gaguejando, informa que a suspensão da execução foi concedida. Ele parece perdido e confuso, e está tudo caótico ao seu redor.

Segundos depois, alguém bate à porta e o diretor entra. Ele olha para a televisão e diz:

– Então, imagino que já esteja sabendo.

– Sim, diretor, desculpe estragar a festa. Fala pros seus garotos que eles podem descansar, e, por favor, chame a van pra mim.

Duke limpa a boca na manga da camisa, começa a rir e diz:

– Não fique tão decepcionado, diretor.

– Não, na verdade estou aliviado – responde ele, mas a verdade é óbvia.

Ele também passou o dia todo falando com repórteres e saboreando os holofotes. De repente, no entanto, todos os seus emocionantes dribles em campo acabaram com a bola caindo de suas mãos quando ele estava prestes a marcar o *touchdown*.

– Vou nessa – anuncio, enquanto aperto a mão de Duke.

– Obrigado, Post – diz ele.

– Eu entro em contato com você. – Dirijo-me à porta e digo ao diretor:

– Por favor, transmita minhas saudações ao governador.

Sou escoltado para fora do prédio, onde bate um ar frio forte e revigorante. Um guarda me leva até uma van do presídio parada a alguns metros de distância, sem identificação. Eu entro e ele fecha a porta.

– Para o portão da frente – aviso ao motorista.

Enquanto atravesso o complexo do Centro Correccional Holman, sou tomado pela exaustão e pela fome. E pelo alívio. Fecho os olhos, respiro fundo e tento assimilar aquele milagre: Duke viverá para ver mais um dia. Eu salvei a vida dele, pelo menos por enquanto. Conseguir sua liberdade exigirá outro milagre.

Por razões conhecidas apenas pelas pessoas que administram o presídio, o local permaneceu isolado durante as últimas cinco horas, como se presos enfurecidos fossem se amotinar como na tomada da Bastilha e invadir o corredor da morte para resgatar Duke. Agora o bloqueio está sendo desmontado; a agitação acabou. O contingente extra trazido para manter a ordem está se retirando, e tudo o que quero é sair daqui. Estou parado num pequeno estacionamento próximo ao portão da frente, onde as equipes

de tv estão recolhendo seus equipamentos e indo embora. Agradeço ao motorista, entro no meu pequeno Ford SUV e saio apressado. Pouco mais de três quilômetros depois de pegar a autoestrada, paro junto a uma loja fechada para fazer uma ligação.

O nome dele é Mark Carter. Homem branco, 33 anos, mora numa pequena casa alugada na cidade de Bayliss, a dezesseis quilômetros de Verona. Nos meus arquivos, tenho fotos da casa dele, do caminhão e de sua atual namorada. Há onze anos, Carter estuprou e matou Emily Broone, e nesse momento tudo o que preciso fazer é provar isso.

Usando um aparelho pré-pago, digito o número do celular dele, um número que eu não devia ter. Depois de cinco toques, ele atende:

– Alô.

– Quem fala? Mark Carter?

– Quem quer saber?

– Você não me conhece, Carter, mas estou ligando da prisão. O Duke Russell acabou de conseguir a suspensão da execução. Lamento informar que o caso continua aberto. Você está com a televisão ligada?

– Quem é?

– Tenho certeza de que você está assistindo à tv, Carter, com essa sua bunda gorda sentada no sofá, junto com a sua namorada, torcendo e rezando para que o Estado finalmente mate Duke pelos crimes que você cometeu. Você é desprezível, Carter, disposto a ver alguém morrer por algo que você fez. Que covarde.

– Vem dizer isso na minha cara!

– Ah, eu vou, Carter. Um dia, no tribunal. Vou conseguir provas e, em breve, o Duke vai sair de lá. Você vai ficar no lugar dele. Vou pegar você, Carter.

Desligo antes que ele possa dizer qualquer outra coisa.

2

Como a gasolina é um pouco mais barata que hotéis de beira de estrada baratos, passo muito tempo dirigindo por rodovias desertas madrugada afora. Como sempre, digo a mim mesmo que um dia vou poder dormir, como se uma longa hibernação me esperasse logo adiante. A verdade é que eu tiro muitos cochilos, mas raramente durmo, e é improvável que isso mude. Estupradores e assassinos vagam livremente por aí enquanto pessoas inocentes apodrecem na prisão, e decidi dividir esse fardo com elas.

Duke Russell foi condenado numa cidadezinha de interior no fim do mundo, onde metade dos jurados mal sabia ler e todos acabaram sendo facilmente ludibriados por dois peritos pomposos e farsescos convocados por Chad Falwright. O primeiro era um dentista aposentado de uma cidade pequena do Wyoming, e como ele foi parar em Verona, no Alabama, é outra história. Cheio de autoridade, vestindo um belo terno e causando uma boa impressão com seu vocabulário, ele declarou em juízo que três cortes nos braços de Emily Broone haviam sido infligidos pelos dentes de Duke. Esse palhaço ganha a vida prestando depoimentos em todo o país, sempre a favor da acusação e sempre por bons honorários, e em sua mente perversa um estupro não pode ser considerado violento a menos que o estuprador morda a vítima com força suficiente para lhe deixar marcas.

Uma teoria tão infundada e ridícula devia ter sido submetida ao questionamento da defesa, mas o advogado de Duke ou estava bêbado ou cochilando.

O segundo perito era do laboratório forense estadual. Sua área de espe-

cialização era e ainda é a análise de pelos e fios de cabelo. Sete fios de pelos pubianos foram encontrados no corpo de Emily, e esse cara convenceu o júri de que eram de Duke. Eles não são. Provavelmente eram de Mark Carter, mas não sabemos disso. Ainda. Os caipiras locais encarregados da investigação tiveram apenas um interesse passageiro em Carter enquanto suspeito, embora tenha sido ele a última pessoa a ser vista com Emily na noite em que ela desapareceu.

As marcas de mordida e a análise dos pelos foram descartadas nas instâncias superiores. Ambas pertencem a esse campo patético e mutável do conhecimento que os advogados de defesa desprezam (e com razão) como *junk science*. Só Deus sabe quantas pessoas inocentes estão cumprindo longas penas por conta de peritos ineptos e suas infundadas teorias incriminatórias.

Qualquer advogado de defesa que se preze teria se divertido muito arguindo os dois peritos na audiência, mas o advogado de Duke não valia os 3 mil dólares que o Estado pagou por seus serviços. Na verdade, ele não valia nada. Tinha pouquíssima experiência nessa área, cheirava a bebida durante o julgamento, era lamentavelmente despreparado, acreditava que seu cliente era culpado, foi pego três vezes dirigindo embriagado no ano seguinte ao julgamento, perdeu a licença profissional e acabou morrendo de cirrose.

Agora cabe a mim juntar as pontas e garantir que a justiça seja feita.

Mas ninguém me convocou para esse caso. Como sempre, sou voluntário.

Estou na estrada interestadual em direção a Montgomery, a duas horas e meia de distância, e tenho tempo para me planejar. Mesmo que eu parasse num desses hotéis às margens da rodovia, não seria capaz de dormir. Estou agitado demais com o milagre de última hora que consegui tirar da cartola. Envio uma mensagem de texto para o assessor em Atlanta e agradeço. Envio outra para minha chefe, que, com sorte, já está dormindo a essa hora.

O nome dela é Vicki Gourley e ela trabalha no escritório da nossa pequena fundação, na parte velha da cidade de Savannah. Há doze anos ela fundou a Guardiões da Inocência com recursos próprios. Vicki é uma cristã devota que acredita que seu trabalho tem inspiração direta nos Evangelhos. Jesus disse para pensar nos prisioneiros. Ela não passa muito tempo circulando por presídios, mas trabalha quinze horas por dia tentando libertar os inocentes. Anos atrás, participou de um júri que condenou um jovem por assassinato e o sentenciou à morte. Dois anos depois, a injustiça da condenação veio à tona. O promotor ocultou provas exculpatórias e apresentou um depoimento

falso de um detento dedo-duro. A polícia havia plantado provas e mentido para o júri. Quando o verdadeiro assassino foi identificado pelo exame de DNA, Vicki vendeu sua empresa de instalação de pisos para os sobrinhos, pegou o dinheiro e começou a Guardiões da Inocência.

Eu fui seu primeiro funcionário. Agora temos mais um.

Também temos um freelancer chamado François Tatum. Ele é um negro de 45 anos que percebeu na adolescência que a vida na zona rural do estado da Geórgia poderia ser mais fácil se ele se apresentasse como Frankie, em vez de François. Parece que a mãe dele tinha sangue haitiano e deu aos filhos nomes franceses, nenhum dos quais era comum naquele canto remoto do mundo de língua inglesa.

Frankie foi meu primeiro cliente a ser libertado após uma condenação injusta. Quando o conheci, ele cumpria prisão perpétua na Geórgia por um homicídio cometido por outra pessoa. Na época eu trabalhava como pastor de uma pequena igreja episcopal em Savannah. Realizávamos leituras do Evangelho no presídio, e foi assim que conheci Frankie. Ele era obcecado por sua inocência e não falava em outra coisa. Era um sujeito brilhante, um autodidata, e conhecia a lei de trás para a frente. Depois de duas visitas ele já havia me convencido.

Na primeira fase da minha carreira jurídica, defendi pessoas que não podiam pagar pelos serviços de um advogado. Eu tinha centenas de clientes e, em pouco tempo, cheguei a um ponto em que presumia que todos eram culpados. Nunca havia parado para considerar quão dura era a situação dos que foram condenados injustamente. Frankie mudou tudo isso. Mergulhei numa investigação do seu caso e logo percebi que podia provar sua inocência. Então conheci Vicki, e ela me ofereceu um emprego que pagava ainda menos do que meu trabalho como pastor. Ainda paga.

Assim, François Tatum se tornou o primeiro cliente registrado pela Guardiões da Inocência. Após catorze anos de prisão, ele havia sido completamente abandonado pela família. Todos os amigos desapareceram. Sua mãe o largara junto com os irmãos na porta da casa de uma tia e nunca mais foi vista. Ele não conheceu o pai. Eu fui a sua primeira visita em doze anos. Toda essa negligência parece terrível, mas teve um lado bom. Uma vez liberto e absolutamente isento de qualquer responsabilidade, Frankie recebeu muito dinheiro do estado da Geórgia e das pessoas que contribuíram para sua prisão. E sem família nem amigos para correrem atrás dele por dinheiro,

ele iniciou a nova vida em liberdade como um fantasma sem passado. Vive num pequeno apartamento em Atlanta, tem caixa postal em Chattanooga e passa a maior parte do tempo na estrada aproveitando as atividades ao ar livre. Seu dinheiro está depositado em vários bancos no sul do país, para que ninguém possa encontrá-lo. Ele evita relacionamentos, porque todos lhe deixaram marcas. Além do mais, tem sempre medo de que alguém tente meter a mão no bolso dele.

Frankie confia em mim e em mais ninguém. Quando seus processos chegaram ao fim, ele me ofereceu honorários generosos. Eu recusei. Ele merecia cada centavo daquele dinheiro por ter sobrevivido à prisão. Quando entrei para a Guardiões, fiz um voto de pobreza. Se meus clientes conseguem sobreviver com dois dólares por dia para comer, o mínimo que posso fazer é economizar o máximo possível.

A leste de Montgomery, estaciono numa parada de caminhões perto de Tuskegee. Ainda está escuro, não são nem seis da manhã e o amplo estacionamento de cascalho está repleto de imensas carretas com motores roncando, enquanto seus motoristas tiram um cochilo ou tomam café da manhã. A cafeteria está cheia e o aroma de bacon e linguiça me arrebatava assim que entro. Alguém acena dos fundos. Frankie tinha guardado lugares num reservado.

Como estamos na zona rural do Alabama, nos cumprimentamos apenas com um aperto de mão em vez de um abraço, como faríamos em outro contexto. Dois homens, um negro e o outro branco, se abraçando numa parada de caminhões lotada poderiam atrair olhares, não que a gente realmente se importe. Frankie tem mais dinheiro do que todos esses caras juntos, e ainda é forte e rápido como nos tempos da prisão. Ele não arranja brigas. Simplesmente tem a aparência e a confiança necessárias para desencorajá-las.

– Parabéns – diz ele. – Foi quase.

– Duke tinha acabado de começar sua última refeição quando recebi a ligação. Teve que comer rápido.

– Mas você parecia confiante.

– Estava fingendo, a velha e dura rotina de advogado. Por dentro, meu estômago se revirava.

– Falando nisso, aposto que você está morrendo de fome.

– Sim, estou. Liguei pro Carter depois que saí do presídio. Não consegui evitar.

Ele franze a testa e diz:

– Tudo bem. Tenho certeza de que havia um motivo.

– Não exatamente. Eu só estava puto demais para evitar ligar. O cara estava lá sentado, contando os minutos pro Duke receber a injeção. Dá para imaginar ser o verdadeiro assassino e aplaudir quietinho das sombras enquanto outra pessoa é executada? A gente precisa pegar ele, Frankie.

– Nós vamos pegar.

Uma garçonete aparece e eu peço ovos e um café. Frankie pede panquecas e linguiça.

Ele sabe tanto dos meus casos quanto eu. Lê todas as petições, os memorandos, os relatórios e as transcrições de audiências. Para Frankie, diversão significa chegar a Verona, no Alabama, onde ninguém nunca o viu, e desencavar informações. Ele é destemido, mas nunca se arrisca a ponto de ser pego. Sua nova vida é boa demais, sua liberdade é especialmente valiosa, porque ele sofreu tempo demais sem ela.

– Temos que conseguir o DNA do Carter – digo. – De qualquer maneira.

– Eu sei, eu sei. Estou trabalhando nisso. Você precisa descansar, chefe.

– Sempre, não é? E, como sabemos bem, na condição de advogado, não posso obter o DNA dele por meios ilegais.

– Mas *eu* posso, certo? – Ele sorri e toma um gole de café.

A garçonete me traz uma xícara e também me serve.

– Talvez. Vamos falar sobre isso mais tarde. Pelas próximas semanas, ele vai ficar agitado por conta da minha ligação. Ele merece. Em algum momento vai cometer um deslize e nós estaremos lá.

– Para onde você vai agora?

– Savannah. Vou ficar lá por alguns dias e depois vou pra Flórida.

– Flórida. Seabrook?

– Sim, Seabrook. Decidi pegar o caso.

O rosto de Frankie nunca revela muita coisa. Seus olhos raramente piscam, sua voz é firme e estável, como se ele estivesse medindo cada palavra. A sobrevivência na prisão exigia saber blefar. Era comum atravessar longos períodos de solidão.

– Tem certeza? – pergunta.

Está claro que ele tem dúvidas sobre Seabrook.

– O cara é inocente, Frankie. E ele não tem advogado.

Os pratos chegam e nos ocupamos com manteiga, melado e molho picante. O caso Seabrook esteve em nosso escritório por quase três anos, enquanto

nós, da equipe, discutimos se devíamos ou não nos envolver. Isso não é incomum no nosso meio. Como é de se esperar, a Guardiões é inundada por cartas de pessoas presas em todos os cinquenta estados americanos, todas alegando serem inocentes. A maioria não é, então nós examinamos, analisamos, selecionamos e escolhemos cada caso com cuidado, só aceitando aqueles com os argumentos mais fortes de inocência. E ainda assim erramos.

– Pode ser que você encontre uma situação bem complicada por lá – diz Frankie.

– Eu sei. Empurramos com a barriga por tempo demais. Enquanto isso, ele está lá com os dias contados, cumprindo a pena de outra pessoa.

Ele mastiga as panquecas e assente de leve, ainda não muito convencido.

– Quando foi que nós fugimos de uma luta das boas, Frankie?

– Talvez seja hora de deixar essa passar. Você recusa casos todo dia, não? Talvez esse seja mais perigoso que todos os outros. Sabe lá Deus quantos clientes em potencial você tem por aí afora.

– Você está ficando mole?

– Não. Só não quero que você se machuque. Ninguém nunca me vê, Cullen. Eu vivo e trabalho nas sombras. Mas seu nome aparece nas petições. Quando você começa a desencavar coisas num lugar horrroso feito Seabrook, pode acabar incomodando uns sujeitos bem desagradáveis.

Sorrio e digo:

– Mais um motivo pra fazer isso.

O SOL JÁ tinha nascido quando deixamos a cafeteria. No estacionamento, nos despedimos com um abraço. Não faço ideia de para que lado ele vai, e aí está a beleza em Frankie. Ele acorda todas as manhãs, livre, agradece a Deus pela sorte que tem, entra em sua caminhonete novinha e mete o pé na estrada.

Sua liberdade me revigora e me faz continuar trabalhando. Se não fosse pela Guardiões da Inocência, ele ainda estaria apodrecendo na cadeia.

CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Cartada final

O Dossiê Pelicano (Pop Chic)

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

